

RUBEM
BRAGA

Pensamentos de beira de praia

RN
ÊLES pescam hoje, êsses pobres maratimbas, do mesmo jeito que pescavam quando eu era menino. Os veranistas chegaram com motores de pôpa, linhas de náilon, caniços de plástico e uma variedade de iscas artificiais, penas e colheres. Estão sempre com novidades; a última foi a linha "monel" que permite corricar a meia água e resiste a qualquer peixe. Os maratimbas costumam achar graça nessas coisas...

Mas foram os veranistas e não êles que descobriram e marcaram uma laje que é uma grande mina de badejos. Quando viram os barcos cheios de badejo, os maratimbas foram para lá também, mas não tiveram sorte. E Joaquim Capixaba me diz:

— Pois é, compadre Braga, agora peixe também é puxa-saco. Só pega em anzol de doutor...

* * *

Estou no Leme no instante em que o Rio deixa de ser a Capital do Brasil. Estouram bombas e foguetes, abrem-se no ar fogos de artifício; no Forte de Copacabana dois projetores passeiam suas faixas de luz pelas águas, como estranhos luars elétricos prateando as ondas; há uma gritaria meio alegre, meio triste. Rapazes fazem arruaças inocentes detendo os carros, as janelas dos edifícios se povoam de gente, as buzinas tocam alto. Parece fim de ano.

Amigos vão para o Centro ver o carnaval na rua, mas prefiro entrar numa buate. Acho que não

vou encontrar ninguém: todo mundo está em Brasília...

Mas "todo mundo" é muito mais gente do que parece. A buate está cheia. Sento-me com um casal de amigos. Estamos um pouco ridículos, com a sensação de viver um momento histórico.

— No futuro, quando contarem uma história, vão dizer: isso foi há muito tempo, quando o Rio era Capital...

A jovem e linda mulher de meu amigo se assusta:

— Que conversa! Essas coisas envelhecem a gente...

Penso, comigo mesmo, que muitas coisas envelhecem a gente; uma delas (isto não será, suponho, uma grande descoberta) é a passagem do tempo. Aliás o mal não está pròpriamente em que êle passe: o mal está em que não volta. Mas reparo que se manifestar êstes meus secretos pensamentos os demais ocupantes da mesa vão pedir para mim o Prêmio Nobel da vulgaridade. Não vale a pena vir a uma buate tão cara fazer uma filosofia tão barata.

Saímos. E há uma surpresa bonita na noite azul: a lua minguante nasceu, e está suspensa, em sua pureza de prata, sôbre as ondas. Está linda. Pode ser apenas uma lua estadual, mas está linda. A Província também tem suas coisas — pensamos, levemente consolados, perante o mar.

420 - 7.5.60